

Modelos tradicionais de cultura em espaços pós-modernos. O recorte da comunidade de Ibiraquera (SC) no olhar da Psicologia Ambiental

Rosa N. T. Jerônimo¹

Resumo

O presente artigo refere-se a uma pesquisa de mestrado em Ciências Ambientais visando compreender o processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraquera em Imbituba-SC, a partir dos modelos tradicionais de cultura em tempos pós-modernos. O enfoque teórico refere-se à Psicologia Ambiental, utilizando-se de uma pesquisa de campo numa abordagem qualitativa, procedendo-se um estudo de caso que contemplou dez moradores pertencentes a famílias de pescadores artesanais e agricultores de subsistência. A principal técnica empregada para a coleta de dados consistiu na realização do relato de suas histórias de vida. As principais categorias de análise foram os modelos tradicionais da cultura açoriana e as questões referentes à pós-modernidade e ao turismo. Os resultados apresentam a apropriação das práticas culturais relacionadas à religiosidade, ao folclore e à culinária contrapondo-se aos modelos trazidos com a pós-modernidade que transformam o espaço sócio-cultural e afetivo dos habitantes de Ibiraquera.

Palavras-chave: apropriação do espaço; comunidade tradicional; cultura; pós-modernidade.

Abstract

TRADITIONAL CULTURAL MODELS IN POSTMODERN SPACES: THE COMUNITY OF IBIRAQUERA (SC) IN A PERSPECTIVE OF ENVIROMENTAL PSYCHOLOGY. The present article refers to an Environmental Science Master Course research carried out in the community of Ibiraquera, in Imbituba, in the south of Santa Catarina. The aim of the research was to understand the process of that space appropriation by the inhabitants of Ibiraquera, according to cultural traditional models in postmodern times. Focusing on the Environmental Psychology theories, a field research with a qualitative approach was done, carrying out a case study of a sample of ten (10) inhabitants belonging to families that use traditional craft fishing and subsistence agriculture. Data was mainly collected through the inhabitants' report on their life histories. The main analyzed categories were Azorean cultural traditional models as well as the questions referring to post modernity and tourism. Results show appropriation of cultural practices related to religion, folklore, and cookery opposing to the post modern models which change the socio-cultural and affective space of Ibiraquera inhabitants.

Keywords: Space appropriation; Traditional community; Culture; Post modernity.

Introdução

O presente estudo refere-se a um capítulo de uma pesquisa de Mestrado em Ciências Ambientais- Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC inserindo-se no campo da Psicologia Ambiental tendo como objeto de pesquisa a compreensão do processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade tradicional de Ibiraquera em Imbituba, sul de Santa Catarina (JERONIMO, 2007).

Este estudo na área de Psicologia Ambiental procura compreender o processo de habitar humano de um espaço por meio do conceito de apropriação do ambiente, definido por Gonçalves (2004:17), como a “interação dialética entre o sujeito e seu entorno sócio físico, e estão implicados aí os conceitos de sociedade e natureza.” As palavras de Capra (2002:360) complementam este conceito, ao falar do sentimento de pertença das pessoas ao espaço e as situações de saúde que advém desta interação. Segundo ele,

“um aspecto importante da nova psicologia é o crescente reconhecimento de que a situação psicológica de um indivíduo não pode ser separada de seu meio ambiente emocional, social e cultural.”

Historicamente, a Psicologia Ambiental começou a se consolidar nos anos 70 como uma subdivisão da Psicologia Social, de modo que alcançou destaque entre as décadas de 80 e 90. Embora isto tenha acontecido nesta última década, as sementes da Psicologia Ambiental foram plantadas na década de 50 com Barker e colaboradores (EUA) e com estudos europeus. No início do século XX, os estudos ecológicos do zoólogo Haeckel, impulsionaram as pesquisas entre as relações de degradação ambiental causadas pelo ser humano.

A Psicologia Ambiental foi fortemente influenciada pela teoria de Campo de Kurt Lewin (1890 nos Estados

¹ Departamento de Psicologia e Engenharia Ambiental. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Av. Universitária, 1105, B. Universitário, Cep: 88806-000, Criciúma SC. rnj@unescc.net

Unidos) e pelos Movimentos Ambientistas na década de 60, preocupando-se tanto com o meio ambiente natural, quanto com o meio ambiente construído.

Portanto a Psicologia Ambiental estuda o significado do espaço e a compreensão dos processos psicossociais acionados nas interações entre as pessoas, grupos, comunidades e entornos sócio físicos. Para Sansot (1996), a *apropriação* é toda prática na qual o homem deixa sua marca. Tal conceito está relacionado à cultura e aos modos de vida das pessoas e da comunidade.

O tema proposto insere-se no contexto de uma cultura açoriana litorânea ao sul de Santa Catarina, apresentando um espaço nativo propício para as atividades de agricultura, campo e pesca artesanal, atualmente ocupado pelo turismo de massa. Diante da temática, o presente estudo buscou identificar os modelos culturais em contraponto aos pós-modernos que envolvem o processo de viver destes habitantes.

Quando se aproxima dos novos discursos que emergem com a pós-modernidade procura-se entender um pouco mais sobre o espaço costeiro e o impacto do turismo nestas comunidades, que habitam as margens do Atlântico Sul Brasileiro, recortando nesta pesquisa a comunidade tradicional de pescadores artesanais e agricultores de subsistência de Ibiraquera, situada na Zona Costeira de Santa Catarina.

O município de Imbituba possui tanto Áreas de Preservação Permanentes, quanto Área de Proteção Ambiental (Projeto Baleia Franca) que apresentam um espaço estratégico para a implantação do turismo de veraneio e de observação. É justamente a beleza ímpar de suas praias cercadas de areias brancas e costões, que faz destas Unidades de Conservação a atração de novos turistas a cada temporada de férias de verão ou de observação das baleias em período de amamentação de seus filhotes.

O litoral catarinense, em evidência a comunidade de Ibiraquera, possui especificidades com relação ao restante do território, como a Lagoa de Ibiraquera e a divulgação internacional da Praia do Rosa, tornando-se, nos últimos anos os lugares mais procurados para o turismo na região de Imbituba. Além disso, Câmara (2001) argumenta sobre o expressivo significado histórico do espaço litorâneo sul catarinense, pois mantém a natureza relativamente preservada, a atratividade cultural, bem como a proximidade das metrópoles e cidades industriais, e a localização no contexto do MERCOSUL que aumentam o fluxo turístico nacional e internacional.

O turismo no litoral, na visão de Pereira (2005) pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades, porém ao mesmo tempo, tem o potencial de degradação do ambiente natural, das organizações sociais tradicionais bem como da decadência da herança cultural destas populações.

Uma das mudanças que se evidencia, em curto prazo, com a chegada do turismo é a organização comunitária baseada na agricultura e na pesca artesanal típicas dos habitantes nativos no litoral catarinense. As transformações desta forma de trabalho ocorrem pelo declínio das atividades tradicionais, muitas vezes, desqualificadas pelos próprios habitantes, pela urbanização acelerada, pelo crescimento do setor do comércio e serviços, destacando segundo Câmara (2001) a verticalização das residências bem como a construção de casas de veraneio, hotéis, bares, restaurantes e a inserção de um novo ritmo de produção, a sazonalidade.

A sazonalidade tão bem apreciada pelos pescadores e agricultores destas regiões, tanto para a pesca de determinadas espécies quanto para o plantio de seus alimentos, encontra no turismo, na época da alta temporada e respaldada no verão que corresponde às férias escolares, mobilizando um grande valor econômico para as regiões e um prejuízo socioambiental e afetivo aos moradores nativos. A mesma sazonalidade aparece no inverno em Ibiraquera em função dos feriados, férias escolares de julho e na observação das baleias francas. Isto acontece porque muitos dos turistas construíram casas de veraneio na região.

Como pontua Harvey (1989:240), o “espaço se encolhe para se tornar uma aldeia global”, pelo menos algumas vezes no ano em Ibiraquera, no município de Imbituba – SC, para receber a cada ano, novos moradores que aos poucos vão modificando o jeito de ser, de viver e de se apropriar do espaço desta comunidade tradicional.

Assim a Psicologia Ambiental e toda área do conhecimento que procure estudar e compreender o ser humano em suas interações com o ambiente, terá que se apropriar de uma atitude interdisciplinar, dialogar e trabalhar em parceria com outras fontes do conhecimento, como afirma Strey (1998: 233), “atenta à interdisciplinaridade, em função da complexidade de objetos, a Psicologia deve buscar novas fontes e novos referenciais.”

São estes diferentes saberes que se complementam e são articulados entre si, na tentativa de apreensão do sentido das atividades sociais humanas que dão um colorido a esta nova forma de produzir conhecimento. São articulações difíceis, de serem estabelecidas entre orientações congruentes dessas disciplinas, nas quais conceitos específicos resguardam e respeitam seus contextos de origem. Cabe também à psicologia estabelecer relações entre teorias e disciplinas, buscando uma nova compreensão da realidade complexa, esta sim, impossível de ser explicada e compreendida a partir de um único olhar disciplinar.

Conceitos teóricos como comunidade tradicional e cultura levam a pesquisadora de psicologia a entrar nos conhecimentos trazidos pela sociologia e pela geografia cultural estabelecendo uma integração com os conceitos da Psicologia Ambiental.

Quando o destaque do pesquisador direciona-se às relações do ser humano com o meio ambiente compreende-se que os dois conceitos estão intimamente entrelaçados, pois Diegues (2000:14) conclui que é o conhecimento transmitido pela cultura que permite que as comunidades tradicionais entendam, representem, manuseiem e enriqueçam o espaço onde vivem e trabalham durante gerações. A paisagem torna-se “fruto de uma história comum e interligada: a história humana e natural.” Por comunidade tradicional se compreendem os grupos humanos que veneram o passado e valorizam os símbolos e significados construídos ao longo do tempo, perpetuando a experiência das gerações por meio da tradição. Giddens (1990:38) afirma que a tradição torna-se “um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez são estruturados por práticas recorrentes.”

Hall (2005:75) ainda pontua que estas comunidades tradicionais se diferenciam das sociedades modernas, porque estas últimas são definidas como sociedades de constante mudança. Sendo assim, as comunidades ou sociedades tradicionais mantêm “vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento.”

Os problemas ambientais cada vez mais assumem uma configuração imensa frente àquilo que parece poder fazer-se para mudar tal situação. As mudanças envolvem ações integradas entre o saber científico e o popular. Envolve ousadia e humildade. Envolve inovações técnicas e científicas. Envolve participação e uma grande mudança de consciência.

Isso remete a pensar na sociedade atual tão duramente transformada pelo processo de globalização que não envolve, apenas, a economia, mas todo um sistema de valores e de compreensão da vida. A banalização dos problemas ambientais decorrentes da ação antrópica manifesta-se no desrespeito à natureza e ao próprio ser humano.

Material e método

Esta pesquisa se caracterizou por uma abordagem qualitativa, tendo como principal método o estudo de caso da comunidade que vive nas margens da Lagoa de Ibiraquera, no município de Imbituba/SC.



Figura 1: Imagem de localização da área da pesquisa. Fonte: br.geocities.com/ibiraquera - 2006

O contato inicial com a comunidade foi realizado por meio de passeios entre moradas antigas e paisagens em julho de 2005. O período de coleta de dados ocorreu entre março e julho de 2006, tendo como instrumentos: gravador, máquina fotográfica e diário de campo. A técnica escolhida foi a história de vida e registros etnográficos.

O corpus da pesquisa foi composto por dez sujeitos, orientada por dois critérios: cinco (5) famílias tradicionais mais antigas da comunidade e a faixa etária dos sujeitos, considerando duas (2) pessoas, ou seja, um idoso e um jovem de cada família.

A atitude ética que norteou a pesquisa envolveu sigilo, anonimato, privacidade e direito à recusa de participação a qualquer momento da pesquisa. No dia da entrevista, foi lido e esclarecido aos participantes o termo de compromisso livre e informado, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESC, com base na Resolução 196 (1996).

A análise dos dados seguiu três etapas interligadas, conforme a proposta de Minayo (2002), baseando-se na compreensão das falas dos sujeitos correspondentes aos modelos tradicionais de cultura em espaços modificados pela pós-modernidade: (1) sua ordenação passou pela transcrição das gravações, devolução e validação dos sujeitos, releitura do material, organização dos relatos das entrevistas, das anotações do caderno de campo e dos dados da observação; (2) sua classificação fundamentou-se nas categorias representadas pela cultura da comunidade tradicional e as mudanças trazidas pelo turismo na pós-modernidade; (3) na análise final, estabeleceram-se articulações entre os dados das entrevistas e os conceitos constantes da literatura sobre o assunto, com o objetivo de compreender como o tradicional e o pós-moderno contribuem para o processo de apropriação do espaço dos nativos de Ibiraquera.

Resultados e discussão

Os modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes da comunidade de Ibiraquera

A apropriação do espaço, na Psicologia Ambiental, envolve processos psicossociais que elencam a cognição, o simbolismo, a estética, o afeto e o relacional. Para Pol (1996), é na relação com outros sujeitos, grupos e situações objetivas ligadas ao modo de viver, de morar que vai se desenvolvendo o sentimento de pertença ao espaço. É a partir das cores, das formas, dos odores e das sensações de prazer de estar e de viver num lugar, que o sujeito vai modificando as paisagens concretas deste, deixando sua marca e, ao mesmo tempo, vai modificando sua paisagem interna, ou seja, as paisagens de seu mundo interior.

As pessoas durante o processo de apropriação apresentam dois movimentos interligados: um em direção à conquista do espaço e um outro em direção a si mesmo. É nesta dinâmica definida em muito pela subjetividade que o sujeito vai colocando a sua marca em seus lugares, criando um espaço repleto de significados, em suma, dando uma identidade ao lugar.

O grande elo que une as pessoas de uma comunidade tradicional é a cultura. Para Claval (1999:63), cultura é a primeira herança que se transmite de uma geração a outra, se constituindo “da soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte.” Concordando Claval (1999: 63) afirma que a cultura tem seu enraizamento no “passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam.”

Durante o processo da pesquisa observou-se que a religião católica predomina em toda a comunidade, interferindo em todos os espaços habitados pelos nativos, sendo que entre os jovens há uma relevância nas festas religiosas. Os jovens entrevistados reportaram-se à catequese exemplificando outras práticas religiosas como o batizado, missas relacionando-as às origens açorianas que desejam manter.

Há uma diferença da prática religiosa atual entre os jovens e as lembranças dos idosos entrevistados, sendo que a prática do jejum é cotidiana no ritual destes últimos. Além do jejum dominical, há ainda entre os idosos o jejum ou uma dieta específica na época da quaresma e da Semana Santa. Gomes (1993) relata que os descendentes de

açorianos são profundamente religiosos e essencialmente católicos, por isso procuram respeitar e manifestar o seu luto na paixão e ressurreição de Cristo. Para isto, continua o pesquisador, desde o meio dia da quinta-feira Santa, até o meio dia do sábado de Aleluia, mantém-se o luto da Semana Santa. O jejum quaresmal acontece, segundo os idosos, desde a quarta feira de cinzas até a Sexta-feira Santa. Não significando que durante todo este período há uma abstenção total dos alimentos, é vedado somente o uso de carnes, sendo que os católicos servem-se de pratos simples, nutritivos e de fácil digestão. A proibição da ingestão de carnes termina no sábado de Aleluia. O peixe pode ser consumido durante a quaresma, substituindo a carne vermelha. Os prazeres relacionados à dança ou aos jogos também não são permitidos durante este período. Em Ibiraquera as danceterias, ainda hoje, não abrem durante a quaresma.

A religiosidade dos nativos também se expressa nas rezas e constituem o arcabouço das práticas populares desses habitantes, ao longo do tempo, tendo como referência a ascendência açoriana. Estas rezas são utilizadas como súplicas, agradecimentos, proteção ou simplesmente como um meio de se comunicar com o Divino. A fé é tão importante na vida dos habitantes mais idosos, quanto o próprio respirar. Segundo os idosos, é a fé e o respeito à tradição religiosa que determinam o controle do comportamento moral das pessoas.

A fé é manifestada, ainda, no culto aos santos católicos, simbolizando a proteção do espaço representados em Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da comunidade e São Pedro que mobiliza a procissão dos habitantes de outras comunidades. Como se percebe, as festas religiosas ultrapassam o espaço da comunidade, tornando-se um espaço de encontro entre amigos, devotos e curiosos.

As festividades de São Pedro apresentam os aspectos sagrados e profanos em uma única festa. Junto à fé de São Pedro é também realizada a folclórica festa junina que serve de elemento para o encontro da comunidade e alimento para a cultura. Estas festas se caracterizam pela repercussão que tem entre os nativos, mobilizando-os para participar dos eventos. Vê-se a importância que dão a estes eventos, cada vez mais, afastados e raros nos centros urbanos.

Além das festas que integram os habitantes no espaço físico, simbólico e cultural de Ibiraquera, conta-se também com práticas que já fazem parte do folclore desta comunidade. Neste sentido, conhecer o respeito que os habitantes do lugar dão a sua tradição fez a pesquisadora conhecer um pouco mais a identidade dessas pessoas. Entre os relatos foi possível compreender a saudade das tradições, já esquecidas ou pouco realizadas, e como os modismos que nada representam simbólica e culturalmente, trazidos com a pós-modernidade, podem mesclar ou até mesmo prejudicar a evolução cultural desta comunidade.

A festa do Divino ou a Bandeira do Divino é uma tradição que mescla, como na festa de São Pedro, elementos sagrados e profanos que ainda merecem respeito e consideração entre os entrevistados. Gomes (1993) conta que o culto ao Divino Espírito Santo surgiu no arquipélago dos Açores, sendo trazido para o Brasil e a outros lugares onde os açorianos se estabeleceram. Sachet (1997: 93) considera que o encontro entre os aspectos da Teologia católica sobre o Espírito Santo, da história do povoamento trazido com os açorianos e da sociologia contemporânea “produzem um espetáculo no qual o religioso e o profano convivem em áreas impossíveis de serem delimitadas.”

A procissão da Bandeira do Divino presenteou a pesquisadora em uma tarde de trabalho na comunidade. Este encontro possibilitou uma aproximação real com uma tradição e um acompanhamento do ritual, dentro de uma das residências nativas. A pesquisadora pôde ver de perto o ato de beijar a testa da pomba, o tocar as fitas, as cantorias dos foliões que são pagas com oferendas que serão colocadas à disposição das festividades do Divino. Desta forma, essa comunidade tradicional mantém viva a tradição dos ascendentes açorianos.

A farra do boi constitui outra prática típica dos Açores e divide as opiniões entre os nativos. Os jovens desejam a manutenção da tradição sem que haja violência contra o animal, a invasão dos espaços apropriados pela lavoura, podendo dessa forma ser permitida pela segurança pública.

O Terno de Reis foi outra prática tradicional referenciada pelos entrevistados e que permanece apenas na lembrança dos idosos. Farias (2000) lembra que a cantoria do terno de Reis faz parte da tradição das comunidades litorâneas, contendo motivações religiosas e profanas. Ele aparece na comunidade nas festas natalinas, passagem do ano e no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis, para comemorar o nascimento de Cristo e a adoração aos três Reis Magos.

Além do terno de reis, a ratoeira também não existe mais na região, levando os entrevistados idosos a recordarem de sua juventude. Segundo Farias (2000), a ratoeira constitui-se de uma dança típica de roda que embala as comunidades tradicionais litorâneas, ao som de cantorias e versos de improviso.

O boi de mamão foi pontuado pelos entrevistados como atividade folclórica importante na comunidade, pois proporcionava momentos de interação dos nativos e a integração com outras comunidades próximas de Ibiraquera.

Assim como todos os povos, os habitantes de Ibiraquera também possuem suas crenças, suas tradições e superstições que são transmitidas por intermédio de lendas, contos, narrativas, provérbios e canções. Esses são repassados de geração em geração na, maioria das vezes,

pela oralidade, prática típica das comunidades tradicionais, como escreve Claval (1999).

As estórias de encantamento e assombração, bem como de personagens folclóricos, fazem parte do imaginário desses nativos e ainda são narradas com toda criatividade dos idosos desafiando a imaginação dos jovens. Martins (1994a) reforça as narrativas dos nativos, afirmando que índios tupi-guaranis eram ótimos mestres na arte de criar lendas. Para Farias (2000), muitas outras lendas vieram dos Açores. Outras foram incorporadas da população indígena da região. Outras ainda foram sendo criadas com o passar do tempo, resultantes do imaginário do habitante do litoral em suas relações com o espaço de vida.

Outras histórias de encantamento foram trazidas pelos sujeitos que demonstram ser bastante supersticiosos. Este comportamento mítico observado nas entrevistas, remete aos estudos de Caruso (1996), que ao percorrer as Ilhas dos Açores sempre ouviu estórias populares envolvendo casos de bruxaria e superstições. Segundo a pesquisadora, as famílias e os vizinhos se reuniam ao anoitecer para contar e ouvir estórias, enfatizando os contos de histórias empolgantes e os casos de assombração.

Os provérbios ou ditados populares, segundo Farias (2000), caracterizam-se nas maneiras de expressão da sabedoria popular, incluindo sempre uma mensagem figurada e valorizada pelos nativos.

Como se pode perceber, o folclore de Ibiraquera inspira a interação das várias faixas etárias, sendo que a compreensão dessas expressões populares se reveste de grande importância, pois levou a pesquisadora a conhecer os elementos que constituíram ao longo das gerações o espaço cultural desses habitantes, o que equivale a dizer que essa cultura constitui a própria identidade do nativo de Ibiraquera.

Entre os usos e costumes dessa comunidade, apareceu de forma marcante a presença da benzedura, já que uma das entrevistadas é uma benzedeira bastante conhecida na região. Seu neto manifestou uma fé muito grande na força da benzedura da avó.

Martins (1994a) descreve que as benzedeadas são, na maioria das vezes, mulheres idosas de condição modesta, sem instrução escolar e que habitam quase sempre os espaços rurais. Elas assumem o papel de mães míticas que, por meio de fórmulas, rezas e gestos, entram em contato com uma força invisível libertando o mal da pessoa. Nessas comunidades tradicionais, as pessoas crêem que embora o doente recorra aos médicos a cura só se realiza pela benzedura.

A utilização dos chás com ervas medicinais para fins terapêuticos faz parte do costume desses habitantes. Uma idosa ao falar sobre o entorno de sua casa, enfatiza as flores e as ervas. Segundo ela, muitas vidas foram salvas, doenças curadas e prevenidas na comunidade com a utilização dos chás.

Gomes (1993) escreve que os Franciscanos Observantes (Ordem Religiosa dos Franciscanos) praticaram a medicina popular no início do povoamento dos Açores, utilizando rituais religiosos e o emprego de plantas e seus sucos como auxiliares na cura. À medida que o homem foi desenvolvendo os seus conhecimentos em parceria das intervenções supersticiosas, também se alargaram as experiências e conclusões do emprego das ervas medicinais como elementos de cura.

Pela sabedoria que os idosos têm em relação a uma série de práticas, seja de cunho religioso, de trabalho ou pela tradição, o respeito aos mais velhos traduz um valor muito apreciado pelos sujeitos, mas que está em vias de desaparecer. Assim como o pedido da benção, que ainda é uma tradição mantida na família de apenas um dos sujeitos, dando um significado de proteção terrena e celestial.

As famílias tradicionais entrevistadas são extensas e conservam, dentro das possibilidades, as moradias próximas. Os avós, ao doarem as terras como herança, acabam por meio dessa prática preservando o costume. Alguns filhos, ao procurar empregos na cidade, acabam se adaptando a esse novo espaço, porém, à medida que vão se aposentando, voltam ao lugar de origem, conforme os relatos das entrevistas. Portanto, morar perto dos avós, pais e tios faz parte do costume dos nativos.

Como rituais de passagem observou-se durante a pesquisa a festa de 15 anos, o namoro, o noivado, o casamento, o batizado, a formatura, a preparação para a morte, seguindo um padrão linear de acordo com a evolução dos ciclos de desenvolvimento da vida humana.

Entre os hábitos peculiares desses habitantes, foi enfatizada a manutenção da culinária identificada no pirão, na farinha de milho torrada, no café torrado em casa, na bijajica, no beiju e no peixe frito.

Os nativos idosos, conforme se recordaram nas entrevistas, também foram grandes artesãos. Com suas próprias mãos talharam gamelas, bancos, pilões, artefatos do engenho, teceram suas próprias roupas, faziam chapéus, cestos, peneiras, construíram suas canoas e ainda fazem suas próprias redes e tarrafas. Grande parte do artesanato da região está relacionada ao trabalho, mais precisamente à agricultura, à farinhada e à pescaria.

A vida em torno da cultura da mandioca faz parte de um ritual que começa com a derrubada da mata e o plantio da mandioca, passando pela farinhada sempre depois da Páscoa, conforme relataram os entrevistados.

Na época da farinha as pessoas vão para a roça, arrancam a mandioca, colocam e puxam-na no carro-de-boi até o engenho. Chegando ao engenho, a mandioca é raspada com a ajuda de todos. Depois é lavada, cevada no início com a utilização da tração animal, hoje, se utiliza a energia elétrica. Depois é colocada na prensa, sendo que todo esse trabalho é feito de forma dinâmica. Ao sair da

prensa, a massa é colocada no coxo, depois, vai para o forno de onde sai a farinha. Da mandioca, ainda, é feito o polvilho, a tapioca e o beiju. Segundo os nativos, esse processo envolve muita gente, como familiares e vizinhos, que ajudam para depois serem ajudados na fabricação de sua própria farinha.

A pesca artesanal constitui-se uma prática tradicional entre os nativos de Ibraquera. Para o trabalho da pescaria encontra-se também o ritual de preparar os instrumentos, sendo a tarrafa o mais importante da pesca na lagoa. Segundo Sachet (1997), a presença açoriana continua escrevendo a história desses pescadores artesanais, por meio da rede e da tarrafa, herdadas de seus ascendentes.

Após o preparo do pescador há o momento de espiar o peixe, pegá-lo, fritá-lo e comê-lo fresquinho. Muitas vezes, esse processo de espiar o peixe, segundo Sachet (1997), acaba sendo um passa-tempo nas horas de lazer e uma atitude que instrumentaliza o pescador nas horas de dever.

O peixe, em especial o camarão, não serve apenas como alimento, muitas vezes, constitui como um forte elemento de valor de troca, principalmente entre os pescadores artesanais profissionais.

A pesca tradicional realizada no mar de Ibraquera mais valorizada pelos nativos é a Pesca da Tainha, porque a tradição ainda é mantida como no passado. O ato de partilhar o peixe, segundo Maldonado (1986:25-26), constitui-se em um princípio que “parece garantir a harmonia e as relações de lealdade que tendem a reinar na atividade pesqueira autônoma, que não raro se desestrutura diante de elementos externos à pesca e que se impõe a ela.” Este valor baseado na solidariedade entre os pescadores de Ibraquera está também em processo de mudança, como reforçaram os sujeitos com a chegada de novos habitantes que entram na roda de receber o pescado sem contribuir com a retirada do peixe do mar. Com esta constatação se chegam às transformações do espaço sócio-cultural e afetivo dos habitantes de Ibraquera por meio da chegada da pós-modernidade.

Espaços tradicionais transformados com a chegada da pós-modernidade em Ibraquera

As comunidades tradicionais das regiões costeiras, em plena era da globalização, convivem cotidianamente com outras culturas que chegam à maioria das vezes com o turismo, o que leva Wallerstein (1999) a questionar sobre as transformações que estão ocorrendo, pois ele acredita que essas transformações devem ser consideradas mudanças de um lugar e de uma cultura, para uma “cultura de extensão universal”, ou ao contrário, as populações estão sob pressão

para abandonarem a sua própria cultura e adotar a cultura do poder imperialista ocidental?

As relações de vida e de solidariedade dos espaços compartilhados pelos habitantes sofrem intensas modificações nos últimos anos, sendo o turismo o grande protagonista dessa transformação. Segundo Pereira (2005), o turismo pode ser considerado um dos fenômenos mais dinâmicos e complexos da pós-modernidade inscrevendo-se como um dos principais protagonistas econômicos do processo de globalização.

Harvey (2001) coloca que o movimento pós-moderno teve início a partir dos anos 70 trazendo ocorrências significativas na experiência humana relacionadas ao tempo e ao espaço. As práticas naturais, as formas e o sentido atribuído ao dinheiro fixaram certas regras relacionadas ao tempo e espaço para a manutenção do poder político. Então o turismo aparece como um dos fatores que aparecem com a pós-modernidade e que alteram as dimensões de espaço e tempo também no cotidiano dos nativos de Ibiraquera.

Em apenas uma das entrevistas o turismo foi indicado sob o enfoque da economia, não o relacionando a toda complexidade que envolve o fenômeno. A compreensão deste nativo remete à Câmara (2001), relatando que o turismo emerge como uma das principais atividades econômicas mundiais, neste caso local, sendo que a intensificação do fluxo de turistas gera empregos flexíveis. Estes empregos, conforme relata Lago (1996), relacionam-se à indústria civil que emprega a mão obra pouco qualificada, muitas vezes dos nativos daquela região. Como no espaço de Ibiraquera os seus habitantes possuem pouca qualificação, acabam trabalhando no serviço informal (servente de pedreiro) ou como garçons, camareiras, cozinheiras nos restaurantes e pousadas que ocupam o espaço construído pela indústria do turismo. Alguns destes empreendimentos são dos próprios nativos, porém a maioria é de pessoas que se instalam no espaço como confirmaram os sujeitos. A falta de qualificação e de poder econômico do nativo foi lembrada por um jovem como um forte motivador da expulsão dos moradores tradicionais que não conseguem se encaixar neste novo modelo de trabalho, como escreve Lago (1996). O emprego, mesmo sendo distribuído da maneira acima descrito entre os habitantes do lugar, ainda é o único ponto positivo levantado pelos entrevistados, trazendo à tona a discussão de Lago (1996:63), ao concluir que “o turismo é fenômeno controverso, provocador de posições radicalizadas e polêmicas.” Este fenômeno envolve as percepções de modificação do espaço de vida dos habitantes do lugar, dos empresários que o promovem e dos turistas que dele usufruem e até na visão teórica dos diferentes pesquisadores. Portanto, o mesmo turismo que traz emprego também traz problemas para a comunidade, entre eles o desrespeito, a violência, a poluição, o estranhamento e a sensação de apinhamento.

Lago (1996) chama a atenção para o impacto que as comunidades litorâneas têm sofrido frente à expansão capitalista, representada nos limites da pesca e das terras trazidas pelo processo de urbanização características do turismo. Observou-se durante as pesquisas que o declínio das atividades relacionadas à agricultura se deve à venda das terras que por muito tempo foram compradas e passadas de geração em geração. Como hoje a cultura da mandioca já não é suficiente para manter uma família, a venda dos lotes acaba sendo uma opção de renda. Neste processo de transformação e massificação dos espaços turísticos, Lago (1996) afirma que os terrenos passaram a ter valor de troca, tornando-se mercadorias de venda, muitas vezes desvalorizadas pelos habitantes locais. A fala dos sujeitos remete também a Pereira (2005), afirmando que as comunidades tradicionais com fortes conteúdos culturais, com seus ricos espaços naturais e economicamente fragilizados possuem as condições necessárias para a exploração do turismo.

O turismo nestes lugares tranquilos é encorajado pelo sentimento de investir novamente no deleite da natureza de quem sofre as pressões da vida urbana como coloca Tuan (1980), mas que vai modificando a paisagem de quem habita o espaço conforme relatou uma jovem, remetendo à Pereira (2005), que diz ser o turismo um grande organizador e consumidor dos espaços e de suas relações com a natureza.

As novas relações sociais que se estabelecem a partir do turismo podem ser sentidas numa sensação de apinhamento demonstradas no aumento da população, como relataram os jovens. Ou nas atividades de lazer realizadas pelos turistas que alteram os modos de vida dos nativos nas temporadas e que dão a sensação de esgotamento físico e emocional com essa população intensamente aumentada neste período.

Os jovens entrevistados consideram apinhada a vida rural em um sentido econômico porque não oferece empregos suficientes, e em um sentido psicológico, acima descrito pelos sujeitos e remetidos a Tuan (1983), porque o espaço ocupado pelo turista impõe restrições ao seu comportamento. A falta de oportunidade na esfera econômica e de liberdade na esfera social faz o mundo dos jovens habitantes parecer estreito e limitado.

As relações sócio-culturais trazidas pelos nativos num antes e depois do turismo retorna a Harvey (2001), ao descrever que as práticas espaciais e temporais das sociedades humanas são inundadas de sutilezas e de complexidade. São ligadas ao processo de reprodução e de transformação social, sendo que a mudança social é em parte apreendida pela história nas concepções de espaço e tempo, bem como, pela ideologia de onde surgem essas concepções. Assim, toda transformação social envolve transformação nas concepções e práticas espaciais e temporais.

Harvey (2001) traz ainda um modelo de práticas espaciais envolvendo o espaço vivido, o espaço percebido e o espaço imaginado e, as práticas delas decorrentes, inter-relacionando-as à acessibilidade e distanciamento, apropriação e uso do espaço, domínio e controle, e às formas de produção do espaço nos vieses das habitações humanas.

Outra sensação que envolve as dimensões de espaço vivido e tempo acelerado trazidas pelos entrevistados foi a de estranhamento refletida nos comportamentos dos turistas, o que gerou desconfiança e impediu o encontro com os amigos. Esta estranheza também se manifesta quando os nativos procuram manter os cumprimentos de cordialidade e amizade entre si, estendendo-os aos novos moradores sem encontrar retorno.

O sentido de estranhamento relatado pelos nativos e que estão diminuindo as relações de amizade conduzem à análise de Tuan (1983:72), enfatizando as relações de intimidade entre os amigos e vizinhos de um espaço, sendo que estas pessoas têm o poder de ampliar o espaço, pois “o coração e a mente se expandem na presença daqueles que amamos e admiramos.”

Muitas vezes, sob a ótica do crescimento econômico de um espaço propício para a exploração do turismo, essas narrativas são depreciadas e desconsideradas. Os nativos percebem que o turismo pode ser um grande impulsionador da economia local, mas também estão conscientes dos perigos que vêm junto com esta economia. Lago (1996) reforça as palavras dos nativos colocando que as conseqüências trazidas com o turismo podem ser positivas ou negativas e podem ser de ordem econômica, ecológica, social e cultural, já que a população turista é essencialmente consumidora.

A polarização trazida pelos entrevistados ao referir-se ao turismo lembram os escritos de Boff (1998), pontuando que a polarização faz parte das características fundamentais do ser humano. Aparece numa complexidade auto-includente identificada no universo e na história como o simbólico e o diabólico. Assim, ser humano é ser homem e mulher, utópico e histórico, poético e prosaico, ser de necessidade e de criatividade, terrenal e divino, ou seja, um nó de relações. Seguindo a perspectiva do autor acima mencionado, o turismo integra fatores auto-includentes na vida destes nativos, prevalecendo em suas narrativas às relações ditas negativas.

Se o habitante de Ibiraquera sempre conviveu com a segurança do espaço e o respeito dos amigos e vizinhos, torna-se mais vulnerável a situações que envolvem a violência com características eminentemente urbanas. Hoje, estes habitantes convivem com situações violentas ditas mais comuns como roubos, uso de drogas e até situações mais complexas como tráfico de drogas, seqüestro e morte. O dormir com as janelas abertas, o estender as roupas no

varal em pátios sem muros, o sossego destes habitantes lembrados de uma época remota aos poucos vai ganhando outros contornos e outras percepções.

Os conflitos e tensões trazidos nas falas dos sujeitos remetem a Câmara (2001), relatando ser estes resultantes de novas maneiras de produzir valor e que se contrapõem ao antigo modelo, baseado na cooperação, na agricultura e na pesca e que por alguns séculos caracterizaram o litoral e o modo de ser e de viver no litoral catarinense.

A violência no espaço de Ibiraquera está tomando proporções que alarmam seus habitantes. O sinal de alarme relacionado à violência relatado pelos sujeitos, considerado por muitos estudiosos como um fenômeno complexo, polissêmico e controverso, remete a Pereira (2001), enfatizando que dados referentes à violência trazem os sentimentos de insegurança e medo os quais são compartilhados por pessoas dos mais variados grupos. A insegurança estende-se à comunidade e à sociedade como um todo, requerendo da segurança pública algumas ações.

Outra forma de violência encontrada durante a pesquisa está ligada ao fato de nomeação dos lugares pelos turistas e que colocam Ibiraquera em uma conexão com o global povoando o imaginário dos nativos. As palavras dos sujeitos lembram as de Tuan (1983), colocando que o conhecimento do bairro está na identificação dos lugares significantes como os referenciais da arquitetura. Assim como os espaços construídos pelos nativos são núcleos de valor simbólico, cultural e afetivo, os novos espaços trazidos pelos turistas por serem vazios de valor da cultura nativa, provocam um choque visual e um comportamento de aversão.

As drogas também ganham terreno em Ibiraquera tanto no consumo quanto no tráfico, sendo mais um indicador de violência dentro deste espaço. Os idosos preocupam-se com os jovens e a drogadição que ganha terreno em seu atual espaço de vida. O uso e abuso das drogas sintetizadas preocupam não apenas os entrevistados, mas toda uma sociedade, pois seus prejuízos são inumeráveis.

Como se pode compreender, o turismo em Ibiraquera tem reorganizado o espaço e os modos de vida dos nativos por meio de um processo de mudança do antigo e, segundo Câmara (2001), pela imposição de novos modelos os quais se fazem presentes em todo litoral catarinense.

A pós-modernidade alcança também a comunidade pesquisada. Isto é fato. Esta chega com a globalização estimulada hoje pela velocidade da mídia e nas inovações do turismo. Porém, compreende-se que a globalização não é um processo da atualidade. Por todos os tempos da história da humanidade, o homem construiu meios de transporte que o levaram até terras distantes espalhando sua cultura. Ibiraquera teve seus verdadeiros nativos, os índios tupi-guaranis convertidos no cristianismo e extintos de seu espaço. A cultura do índio foi absorvida e somada

à cultura dos Açorianos, atuais habitantes “nativos” e que aos poucos estão sendo erradicados de seus costumes e formas de organização de trabalho e de vida. Como escreve Câmara (2001:17), as mudanças vão se caracterizando pelo “declínio das atividades tradicionais, urbanização acelerada e crescimento desordenado,” fazendo nascerem novas compreensões de espaço e tempo, segundo Harvey (2001), sobre a vida social e cultural desses habitantes.

Da Ibiraquera indígena que os habitantes nada falam, há uma narrativa de contar a história do lugar desde a construção da estrada e a chegada dos meios de transporte mais velozes como os grandes indicadores de qualidade de vida para os habitantes de Ibiraquera. É a partir também desse momento que os carros de boi, tidos como transportadores de farinha, começam a ser substituídos. A estrada de barro por onde passa o automóvel torna-se o centro, enquanto que os caminhos de carros de boi marcados pelos profundos sulcos de suas rodas vão aos poucos perdendo espaço. O barulho da buzina se alterna com a chiadeira produzida pelo atrito do rodado dos carros de boi. A modernidade vai chegando com seu meio de transporte industrializado e competindo com o meio de transporte artesanal. As facilidades do primeiro começam a alterar a cultura do segundo. Continua o processo de modernização. O tradicional e o moderno habitam o mesmo espaço. Hall (2005) pontua que, à medida que as culturas tradicionais começam a se expor as influências externas, dá-se início a um processo de enfraquecimento de suas identidades.

Os meios de comunicação também chegaram à Ibiraquera com a instalação da rede elétrica colocando o nativo em contato com uma rede maior. Percebe-se que a eletricidade tornou-se o movimento da entrada de meios de comunicação de massa no espaço de Ibiraquera, remetendo a Hall (2005) no que diz respeito ao processo de globalização que também começa a atuar na compreensão de espaço e tempo de seus habitantes. A forma de conhecer o mundo por meio do rádio e as imagens vindas com a televisão trouxe a esses sujeitos à compreensão de proximidade na distância já que os fatos que acontecem num outro lugar também por eles são conhecidos.

A televisão foi tornando-se um aparelho imprescindível no espaço do nativo. A televisão ocupa os mais diversos lugares nos domicílios destes entrevistados. Está no quarto, está na sala, está na cozinha. Ganha um valor simbólico de informação, mas que não dispensa a companhia de outras pessoas. Estar diante dos fatos do que acontece no mundo é tão importante como estar com seus familiares.

Santos (2000) argumenta que o espaço pós-moderno tem este significado de que entre as pessoas e o mundo estão colocados os meios tecnológicos de comunicação. São estes que informam os fatos globais e transformando-os em um grande espetáculo e como consequência, segundo

Harvey (2001), trazem uma aceleração do tempo e uma nova dimensão de espaço.

Porém este espetáculo de sonho, de cores, de notícias trazidos com a televisão não tem a mesma percepção para todos os entrevistados. Alguns lembram dos encontros com os amigos e das longas caminhadas até a cidade para ir ao cinema, considerando que a televisão esvaziou este espaço de amizade. Esta consideração conduz a Santos (2000:95), dizendo que o espaço mediado pela tecnologia torna o espaço das pessoas “num terminal isolado de outros terminais, pois as mensagens não se destinam ao público reunido, mas a um público disperso cada um em sua casa, seu carro, seu micro.”

Uma idosa tem seus receios relacionados à educação e às informações assimiladas pelas crianças e jovens por meio da televisão. O educar uma criança em uma comunidade tradicional significa inseri-la em um espaço de valores apropriados pela tradição durante um longo tempo e que são transmitidos através das gerações. Segundo Santos (2000), estes valores, regras, práticas, princípios e realidades vão se desfazendo e entrando em decadência diante dos apelos trazidos com a invasão dos meios de comunicação de massa, com a globalização e com a pós-modernidade.

O brinquedo também toma outros contornos em Ibiraquera. Os jogos em grupo realizados ao ar livre são lentamente substituídos pelos jogos eletrônicos em espaços isolados e individuais. A relação se dá com as máquinas. Santos (2000:17) argumenta que o espaço pós-moderno dos jovens de Ibiraquera já está povoado pelo espaço do teclado e do vídeo que pedem escolhas rápidas, pois “não existe decisão profunda, existencial, mas uma resposta impulsiva boa para o consumo.”

Com tantos apelos, muitas vezes contraditórios do espaço sócio-cultural dos habitantes de Ibiraquera, que mesmo mantendo tantos aspectos da cultura tradicional, aparece também em suas falas aspectos do espaço moderno e do pós-moderno.

Percebe-se que este emaranhado de contradições leva muitas vezes o nativo, como considera Santos (2000), ao choque cultural entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais esboçados na era industrial sendo que a emergência do último está tornando-se mais aguda.

A transição que se faz entre o trabalho tradicional da comunidade baseado na pesca e na lavoura para o mercado formal e qualificado é também um ponto relevante nesta discussão. Como observaram os sujeitos, muitos pescadores do lugar saíram de Ibiraquera para tentar a vida em outros lugares, sendo o Rio Grande do Sul a rota dos que iam e hoje a rota dos que vêm pelo turismo. No relato dos idosos se percebe que a busca de emprego em outros lugares já vem acontecendo desde a geração dos avós, hoje sendo uma prática rotineira do nativo.

A busca por emprego pelos pescadores e agricultores do lugar encontra respaldo na pesquisa de Lago (1996), concluindo que a grande instabilidade do trabalho na lavoura e na pesca se justifica por estar dependente das forças da natureza, sendo que o trabalho estável com ganho fixo, folgas semanais, férias e aposentadoria apresentam-se como um atrativo para os trabalhadores rurais e artesanais.

Porém, se o trabalho na pesca e na lavoura seja dependente dos ciclos naturais, os entrevistados têm consciência de que empregar-se na cidade depende da escolaridade e que o desemprego não é apenas uma condição local.

Evidencia-se durante a pesquisa que há uma representação entre o trabalho rural ser pesado enquanto que o desenvolvido em situações urbanas seja mais ameno. Este também foi trazido na pesquisa de Lago (1996), afirmando que o cruzamento de representações entre trabalho leve e pesado se relaciona ao trabalho urbano e o rural, sendo que as pessoas sabem que a leveza daquele depende do nível de escolaridade e o domínio da linguagem do trabalhador.

Na procura do status social e de um emprego melhor os jovens de Ibiraquera estudam, pelo menos dentro de suas possibilidades. Neste contexto, vai surgindo no espaço de Ibiraquera a busca pelos projetos que o estudo e que o emprego urbano pode oferecer, deixando para trás a cultura do trabalho tradicional tão desvalorizado no sistema neoliberal. Santos (2000) diz que o otimismo das comunidades tradicionais não existe na sociedade pós-moderna. A falta de projeto para os jovens dimensiona a perda das tradições laborais tradicionais na comunidade de Ibiraquera, mas que ainda não consegue enxergar o futuro de seus jovens. Esse dado remete a Harvey (2001), ao afirmar a dimensão esquizofrênica da pós-modernidade com as acelerações do tempo e do espaço fundamentadas no consumo e na falta de sentido de futuro.

Por todas as contradições o futuro dos jovens nativos parece estar na cidade. Tuan (1983) relata que os jovens saem do campo acreditando no progresso e melhoria das condições de vida, mas também remete a Santos (2000), concluindo que a cidade com seus shoppings centers, suas luzes, suas cores tornou-se um altar da sociedade pós-moderna.

Tuan (1980) diz que o espaço urbano apresenta-se em polaridades de sedução e irritação, beleza e violência. Os jovens entrevistados que tiveram a oportunidade de estar algum tempo na cidade conseguem perceber estas polaridades valorizando ainda mais o espaço de Ibiraquera. Como se pode compreender nas narrativas a globalização que alcança o espaço de viver dos nativos pode fortalecer a identidade de lugar ou produzir novas identidades, no dizer de Hall (2005).

Considerações finais

Pela análise dos modelos tradicionais de cultura reconhecidos e praticados pelos habitantes do lugar, compreendeu-se que o processo de apropriação do espaço dos nativos da comunidade de Ibiraquera, colocados em sofrimento tendo em vista as mudanças que estão ocorrendo no seu espaço físico, social, cultural, simbólico. Comprovou-se o turismo como um grande impulsionador desta transformação, considerando-se que as percepções das mudanças relacionadas aos espaços de vida, trabalho, lazer e moradia trazidas pelos entrevistados trazem alguns elementos que se traduzem por um sentimento de perda. Esta não apropriação aos novos modelos da cultura pós-moderna pode ser verificada nas críticas à violência advindas com os estranhos que chegam ao lugar, bem como nas atitudes de indignação quanto ao desprezo dado às pessoas do lugar. Constata-se uma polarização entre as atitudes nativas, percebidas como positivas, e as atitudes turísticas, sentidas como ruins. Este comportamento remete as palavras de Russo (2007:101) enfatizando o encontro de “estratégias para que as culturas locais recebam mais acolhimento e respeito do turismo, pois, ou o turismo ou a indústria turística, banalizam as culturas mediante o ciclo de atenção turística”. Contudo, o impacto causado pelo turismo ainda não derrotou os laços afetivos do nativo ao seu lugar de origem. Um forte sentimento de pertença também é aqui evidenciado no que se refere à manutenção da cultura local, dos comportamentos tradicionais relacionados aos cuidados com os mais velhos, ao apego pelos laços de amizade e de solidariedade, das atitudes relacionadas à fé, mantidas tanto pelos idosos quanto pelos jovens na comunidade de Ibiraquera que já transita mesmo com resistências, nos espaços e nos tempos pós-modernos.

Agradecimentos

Aos sujeitos que participaram da pesquisa pela simplicidade e acolhida. Aos convidados da banca de defesa de Mestrado em Engenharia de Produção Geraldo Milioli (UFSC), Dra em Psicologia Social Denise de Camargo (PUC-SP), Dra em Educação Janine Moreira (UFSC) por suas contribuições e incentivo nas publicações. Aos integrantes do Fórum da Agenda 21 Local de Ibiraquera. À Dra em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR) Teresinha Maria Gonçalves orientadora deste estudo.

Referências

- BOFF, L. 1998. O despertar da águia: o dia-bólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA, M. R. 2001. O turismo no litoral de Santa Catarina: tensões, conflitos e reorganização espacial.

- Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 150p.
- CARUSO, M. M. L. & Caruso, R. C. 1996. Mares e longínquos povos dos Açores. Florianópolis: Editora Insular/AGNUS.
- CAPRA, F. 2002. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25ª ed. São Paulo: Cultrix.
- CLAVAL, P. 1999. A geografia cultural. Florianópolis: UFSC.
- DIEGUES, A. C. 2000. Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica. São Paulo: NUPAUB – USP.
- FARIAS, V. F. de. 2000. Dos Açores ao Brasil meridional: uma viagem no tempo: 500 anos, litoral catarinense: um livro para o ensino fundamental. 2 ed. Florianópolis: Ed. do Autor.
- GIDDENS, A. 1990. The consequences of modernity. Cambridge: Polity Press.
- GOMES, A. 1993. A alma da nossa gente: repositório de usos e costumes da Ilha Terceira, Açores. Artes Gráficas.
- GONÇALVES, M. T. 2004. Psicologia Ambiental. Revista Pesquisa e Extensão em Saúde. UNESC. 1 (1), p: 18-21.
- HALL, S. 2005. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10ed. Rio de Janeiro.
- HARVEY, D. 2001. A condição pós-moderna. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- HARVEY, D. 1989. The condition of post-modernity. Oxford: Oxford University Press,
- JERÔNIMO, R. N. T. 2007. O processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade de Ibiraquera em Imbituba-SC. Dissertação de Mestrado. Criciúma. Universidade do Extremo Sul Catarinense.315p.
- LAGO, M. C. de S. 1996. Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- MALDONADO, S. C. 1986. Pescadores do mar. São Paulo: Ática.
- MARTINS, J. H. B. 1994.a Crenças populares da Ilha Terceira II (almas do outro mundo, o diabo, encantados, várias). Lisboa: Salamandra.
- MARTINS, J. H. B. 1994.b Crenças populares da Ilha Terceira (o lobisomem, as feitiçeras. As bruxas, benzedeadas). Lisboa: Salamandra.
- MINAYO, S. F. 2002. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Vozes.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. 1996. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996.
- PEREIRA, V. A. 2005. O turismo na perspectiva da preservação da cultura e do meio ambiente: unidade de análise no Distrito de Morro Azul, Três Cachoeiras – RS. Dissertação de Mestrado. Criciúma. Universidade do Extremo Sul Catarinense. 210p.
- PEREIRA, S. M. 2001. Violência rima com adolescência? Em Projeto Acolher. Adolecer: compreender, atuar, acolher. Brasília: ABEn.
- POL, E. 1996. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, L. & POL, E. Cognición, representación y apropiación del espacio. Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions, p 45-62.
- RUSSO, C. R. 2007. Sustentabilidade e turismo: um debate sobre as potencialidades do desenvolvimento do turismo sustentável. Revista Gaia Scientia. 1(1): 95-102.
- SACHET, C. 1997. Santa Catarina: 100 anos de história. Florianópolis: Século Catarinense.
- SANTOS, J. F. 2000. O que é pós-moderno. São Paulo: Brasiliense.
- SANSOT, P. 1996. Poétique de la Ville. Paris: Armand Colin.
- STREY, M.N. 1998. Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes.
- TUAN, Yi-Fu. 1983. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.
- TUAN, Yi-Fu. 1980. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro: DIFEL.
- WALLERSTEIN, I. 1999. A cultura como campo de batalha ideológica do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike. Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. 3 ed. Petrópolis: Vozes.

Artigo recebido: 18/12/09

Aceito em: 20/03/09

